



Data: 27.06.2014

Título: "É uma disciplina fundamental. Como a filosofia"

Pub:

P
Público

SUPLEMENTO
ESPECIAL


clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4

● Entrevista: “É uma disciplina fundamental. Como a filosofia”

Área: 715cm² / 38%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4882074



Data: 27.06.2014

Título: "É uma disciplina fundamental. Como a filosofia"

Pub:

P
Público

SUPLEMENTO
ESPECIAL

clipping
consultores

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

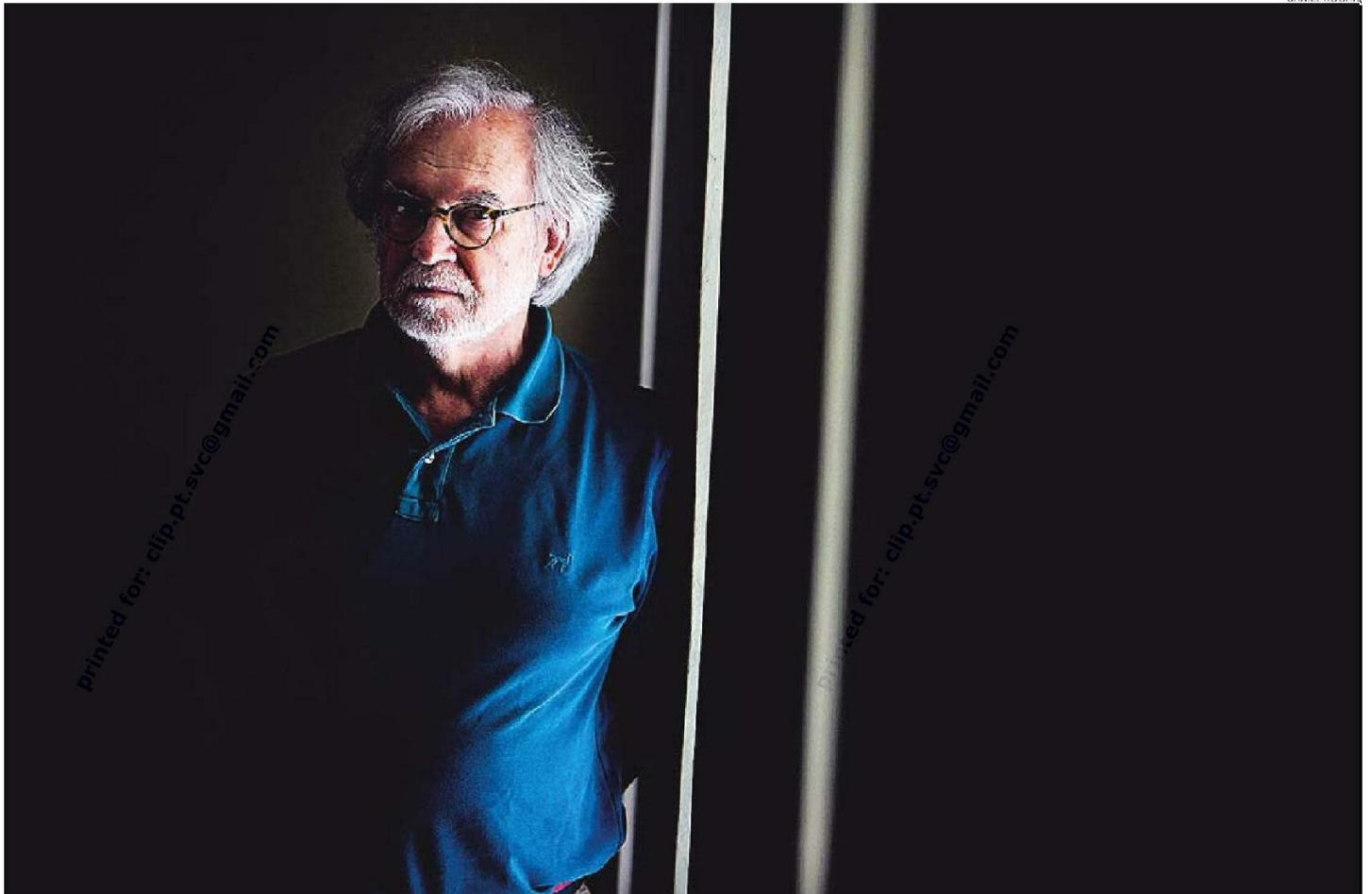
Pág: 1;4

“A matemática é uma disciplina fundamental. Como a filosofia”

Helder Coelho tirou um curso de engenharia em que os três primeiros anos eram sobretudo física e matemática. Na busca de inteligência artificial, invadiu muitas outras disciplinas

Tema do texto

João Pedro Pereira



'Os professores de matemática não eram muito maus, nem muito bons. E eu tive muitas oscilações'

Área: 715cm² / 38%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 4882074

Helder Coelho deu no final deste ano lectivo a sua última aula. Acaba de fazer 70 anos e, embora vá continuar a fazer investigação, deixará de ser professor na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, para começar o que chama, com evidente desgosto, uma "reforma compulsiva". É o mesmo adjectivo que usa para classificar o recrutamento para a guerra colonial, anos durante os quais "um dos divertimentos" que tinha era ler sobre inteligência artificial. Viria mais tarde a especializar-se nesta área, o que o levou a cruzar, ao longo da carreira académica, disciplinas como a linguística, a psicologia, a economia e, "base fundamental", a matemática.

Nem sempre a relação de Helder Coelho com a matemática foi de grande proximidade. O problema, diz, eram os professores do liceu Camões, em Lisboa, onde estudou sete anos. "Os professores de matemática não eram muito maus, nem muito bons. E eu tive muitas oscilações" - que é como quem diz, as notas variavam entre as boas e o suficiente para passar.

Decidiu depois estudar Engenharia Electrotécnica no Instituto Superior Técnico. Na década de 1960, e as licenciaturas na área da informática ainda estavam por aparecer. Medicina foi posta de lado por ser preciso "decorar muito". Por outro lado, tirar um curso de Matemática implicava uma deslocação maior, de eléctrico, para o edifício onde funcionava na altura a Faculdade de Ciências, na Rua da Escola Politécnica, hoje muito frequentada pelas lojas, cafés e proximidade ao Bairro Alto. A engenharia do Técnico, numa outra zona também central de Lisboa, ficava apenas a dez minutos a pé de casa.

Os três primeiros anos de um curso de seis foram "praticamente só

matemática e física". No início, pareceu-lhe que parte da licenciatura poderia ser dispensada. Mas acabou por mudar de ideias. "Depois de fazer os seis anos, achei que nunca tinha tido coisas a mais", recorda, numa conversa no gabinete que tem no departamento de Informática da Universidade de Lisboa.

Depois do curso, seguiu para uma formação para engenheiros da Philips, na Holanda, regressou a Portugal, trabalhou num laboratório de física nuclear do Estado, cumpriu o serviço militar, regressou a Portugal e, em 1980, doutorou-se em inteligência artificial pela Universidade de Edimburgo, no Reino Unido. Nessa altura, era também investigador no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, onde fundou o primeiro grupo português de investigação em inteligência artificial, uma área científica que agrega disciplinas aparentemente afastadas e abarca questões como a compreensão de linguagem natural (fazer com que os computadores percebam aquilo que escrevemos ou dizemos), a tradução automática ou a tomada de decisões por máquinas.

Para a tese de doutoramento, desenvolveu um sistema que permitia aos utilizadores fazer perguntas - escritas - a bases de dados de bibliote-

"Cada vez mais a informática é uma mistura. Não há só uma tecnologia, A informática já não se faz só com uma linguagem de programação, como há uns anos"

cas, permitindo saber, por exemplo, se um livro estava disponível. Hoje, este género de sistema é trivial. Os motores de busca modernos têm-se tornado progressivamente melhores a interpretar as questões que os humanos lhes colocam. Tentam perceber - e cada vez mais acertam - se uma pesquisa por "tempo" tem como objectivo uma leitura sobre a teoria da relatividade ou saber se vai chover no dia seguinte. Alguns smartphones têm já incorporado uma espécie de assistente digital pessoal, ao qual é possível fazer perguntas e dar instruções falando de forma próxima do normal. Mas, em 1980, a Web estava ainda a uma década de ser inventada e o Google só apareceria, ainda em forma muito embrionária, 16 anos depois.

"Cada vez mais a informática é uma mistura. Não há só uma tecnologia, A informática já não se faz só com uma linguagem de programação, como há uns anos", explica Helder Coelho. O académico argumenta que é importante para um investigador a capacidade de "partir de uma disciplina e invadir a outra" - no seu caso, partiu da matemática e da física para invadir as áreas das ciências sociais e humanas, tanto na investigação como na actividade de professor. Em 1985 começou a dar aulas no Instituto Superior de Economia e Gestão, onde foi co-fundador do departamento de Matemática. Já na Universidade de Lisboa, foi professor em disciplinas relacionadas com gestão. Pelo caminho, escreveu também sobre informática, em livros e publicações periódicas, incluindo para o PÚBLICO, nos quatro primeiros anos do jornal. A matemática foi importante neste percurso? "É uma disciplina fundamental. Como a filosofia", responde Helder Coelho.

